

Teatro

De 29 de novembro a 2 de dezembro 2012

At most mere minimum

Quando muito o mínimo

de Carla Maciel, Gonçalo Waddington,
Sofia Dias e Vítor Roriz

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



De qui 29 de novembro a dom 2 de dezembro
21h30 (domingo às 17h) · Palco do Grande Auditório · Duração aprox. 1h · M12

Cocriação e interpretação Carla Maciel, Gonçalo Waddington, Sofia Dias e Vítor Roriz
Direção técnica Nuno Borda de Água
Produção Maria Manuel (Stage One) e Gonçalo Waddington
Agradecimentos João Dias, José Aurélio, Maria João Santos, Sr. Armando
Coprodução Culturgest, Teatro Nacional São João, Guimarães Capital Europeia da Cultura

At most mere minimum é uma tentativa de aproximação que permite fragmentar um momento em ínfimas partículas. Nessa ampliação, lenta e infinita, revelam-se brechas que nos permitem manipular e redimensionar a realidade. Como um movimento da consciência ao interior do crânio, onde simultaneamente nos apercebemos do movimento das pálpebras e contemplamos o exterior, numa cadência ininterrupta, entre o pormenor e a totalidade, sempre impossíveis de alcançar.

At most mere minimum expressa também a nossa vontade de criar um espaço de encontro e experimentação que intensifique diferenças e alimente o desejo de partilha das várias perspetivas, alargando assim a nossa visão sobre o mundo.

atmostmereminimum.blogspot.pt

Quatro Perguntas

1. O título do espetáculo vem de Beckett, um autor bilíngue; e os criadores são dois casais, um vindo da dança e outro do teatro. Que importância deram às ideias de desdobramento, duplo ou divisão?

Este projeto começou com a partilha de referências, aquilo que nos inspira e alimenta artisticamente. Essa partilha foi a forma mais eficaz para nos conhecermos e para começarmos a trabalhar. Beckett destacou-se inevitavelmente do aglomerado de autores e obras, acabando por nos emprestar o título.

A ideia de duplicação e desdobramento esteve presente na composição da primeira parte do espetáculo, onde introduzimos uma série de camadas (sonora, textual e física/corporal) que parecem permitir reinterpretar constantemente cada situação. A ideia de divisão pode ser associada à alternância de língua e ao intervalo entre cada fala. Para além disto, houve também uma aproximação à noção de conjunto, sustentada pela ideia de que cada um de nós pode ser o outro, criando uma paisagem comum onde o sujeito, sem perder a sua individualidade, se pode desdobrar/multiplicar ou substituir a qualquer momento.

2. O que ficou de *Nação Valente!*, o projeto inicial? O processo de trabalho foi de depuração, abstração ou mera substituição desta primeira proposta?

O projeto inicial *Nação Valente!* propunha uma reflexão (com muita ironia) sobre a atual situação política, económica e social. Era um ponto de partida para o trabalho, mas logo no primeiro dia de ensaios percebemos que seria demasiado condicionante. Daí que o processo tenha sido claramente de substituição. A substituição de uma ideia ou de um tema pela *potência* do encontro entre os quatro. Um encontro que é permeável ao contexto atual mas que não precisa de tornar essa ligação óbvia. Abandonada essa ideia, permitimo-nos mergulhar num processo de partilha, pesquisa e improvisação com base em vontades, interesses e dissonâncias. Procurámos um método que não dependesse da transposição para cena de um tema, mas da descoberta de matéria que o encontro entre estas quatro pessoas, carregadas de experiências e vivências muito diversificadas, poderia revelar. Esta pesquisa sem um tema orientador pareceu-nos muito mais pertinente e ousada.

3. Uma palavra-chave para esta peça poderia ser “articulação”: descreve tanto as propriedades do ser (marioneta? autómato?) de que se fala na primeira parte como os jogos fonéticos da segunda. De que forma este trabalho se articula com preocupações vossas em peças anteriores?

Na primeira parte o corpo é exposto a uma tensão entre sujeito e objeto, entre um sujeito que, ao automatizar-se, pode ganhar algumas qualidades de objeto e vice-versa. Na segunda parte, o que

antes estava controlado descontrola-se e o sentido da palavra que antes carregava uma espécie de subtexto passa a ser um jogo irónico de utilização das palavras numa aproximação mais primordial. Já em trabalhos anteriores de Sofia e Vítor tinha sido explorada a palavra formalmente, na sua dimensão fonética e semântica. Mas aqui, o jogo aponta para uma direção mais absurda e irónica onde, a par da ação, as palavras vão criando um estado de entusiasmo entre os quatro.

Enquanto que para a Carla se trata de uma nova experiência, no caso do Gonçalo esse jogo de fonética e semântica foi amplamente experimentado em textos do Miguel Castro Caldas, em que uma ou mais palavras estão em constante mutação pela sua repetição incessante ou pela sua recorrência em diferentes contextos.

Para a Carla e o Gonçalo, a articulação do corpo como veículo principal de comunicação é uma descoberta. O corpo sempre foi uma extensão da palavra. Algo que poderá sublinhar o que é dito ou dar informações contraditórias. Mas sempre como extensão, não como princípio. Neste trabalho há uma componente de texto que lhes é familiar, pela importância que tem num determinado momento. Depois, há a palavra como *camada* meramente formal, que se memoriza como um movimento ou *marcação*, e o corpo comunicante, o que, apesar de ser uma evidência, para alguns atores de teatro é por vezes inexistente.

4. O espaço que construíram é uma mistura de laboratório científico e atelier de artista; o que vos interessou nestes dois universos?

Parece-nos haver entre a ciência e a arte um ponto em comum que é o da experimentação associada ao deslumbramento (um qualquer estado de “eureka” constante).

Quando começámos a trabalhar trouxemos muitos objetos, não na expectativa de os usar em cena, mas talvez para nos dar uma sensação de segurança ou autonomia: *aqui temos tudo aquilo de que precisamos para trabalhar*. Esta acumulação de objetos úteis e inúteis acabou por nos informar sobre muitas das direções do espetáculo. No laboratório todos os objetos têm uma função específica (embora incompreensível para o comum dos mortais); no atelier, os objetos parecem ter essa qualidade de *não sei o que vou fazer contigo mas pode ser que venhas a ser útil*. No espetáculo interessa-nos a oscilação entre esses dois espaços e uma atitude analítica ou científica na relação com o objeto e o próprio corpo, redimensionando a sua presença. Para além disso, como o espaço cénico é quase uma transposição do nosso espaço de trabalho, parece-nos evidente uma tentativa de continuidade ou aproximação entre o processo e o resultado.

Ele espreita um buraco. Como se algum objeto de valor tivesse caído na sarjeta, ele aplica toda a sua flexibilidade e força de braços naquela pequena missão de salvamento. Sustém todo o peso do corpo nas mãos, apoiadas no passeio. Bicos de pés, na estrada. Transferido que está o peso para as mãos, e a cabeça completamente imersa naquele pequeno abismo, ele examina minuciosamente, à medida que os seus olhos se habituem à escuridão, como gato farejando a presa. Ficamos nele. Na cara que lhe não vemos, imersa num buraco. E no que resta da parede.



stabilize, stabilize the point
subtilize
subtitles
we need subtitles
no dripping
subtitles
we need
we need a briefing
a briefing
we need something
it slides
elastic
plastic
no touch...
It's touching
it's starting to melt!



Ou, se preferir, deixe-se estar no seu lugar e espere uns minutos. Verá como ele reage às luzes, vermelha e verde, por exemplo, e como se redimensiona no seu próprio espaço, sem qualquer artifício ou manipulação.



Carla Maciel

Carla Maciel (1974) estreou-se aos 17 anos na Seiva Trupe e tem trabalhado em teatro, cinema e televisão. Em teatro trabalhou com Miguel Seabra, Gonçalo Amorim, Solveig Nordlund, Nuno P. Custódio, Tiago Rodrigues, Marco Martins, Gonçalo Waddington e, recentemente, com João Lourenço em *Londres* no Teatro Aberto. Em cinema participou em *Alice* de Marco Martins, *A Morte de Carlos Gardel* de Solveig Nordlund, *Adriana* de Margarida Gil e *Jaime* de António Pedro Vasconcelos. Em Espanha integrou o elenco da série *Pepe Carvalho*. Recentemente participou em *Odisseia*, uma série para a RTP1 com realização de Tiago Guedes.

Gonçalo Waddington

Gonçalo Waddington (1977) é ator e encenador. Tem o curso da Escola Profissional de Teatro de Cascais. Tem trabalhado com encenadores como Luis Miguel Cintra em *A Cidade*, Marco Martins em *Quando o Inverno Chegar*, Tiago Guedes em *The Pillowman* e Jorge Silva Melo em *Animais Domésticos* e *Conferência de Imprensa* e outras *Aldrabices*. Coencenou e coescreveu com Tiago Rodrigues *O que se Leva desta Vida*. Colaborou com a companhia holandesa Dood Paard em *Answer Me* de Gerardjan Rijnders e (em coprodução com o Mundo Perfeito) *The Jew*, a partir de Marlowe. Encenou e protagonizou *Rosmersholm* de Ibsen. Escreveu, produziu e realizou a curta-metragem *Nenhum Nome*. É cocriador da série *Odisseia* para a RTP1.

Sofia Dias

Sofia Dias (1983) é bailarina e coreógrafa independente. Diplomada pela Escola de Dança do Conservatório Nacional (2001). Prossegue a sua formação artística frequentando diversos cursos, dos quais destaca La Nouvelle École des Maîtres com Jan Fabre, Material for the Spine com Steve Paxton e DanceWEB Scholarship Program em Viena. Trabalhou com Sofia Neuparth, Alias/Guilherme Botelho, Lília Mestre, Co. Utilité Publique, Maria Ramos, Luís Guerra, Clara Andermatt e Marco Martins, entre outros. Compõe os ambientes sonoros para as suas criações e colaborações.

Vítor Roriz

Vítor Roriz (1980) é bailarino e coreógrafo independente. Da sua formação artística destaca o Curso de Pesquisa e Criação Coreográfica do Fórum Dança e o DanceWEB Scholarship Program. Participou nos projetos multidisciplinares COLINA (Talin) e APAP (Torres Vedras). Tem vindo a trabalhar com vários encenadores e coreógrafos, entre os quais Bruno Dizien, Wim Vandekeybus/Última Vez, Alias/Guilherme Botelho, Lília Mestre, Davis Freeman, Aldara Bizarro, Abraham Hurtado, Clara Andermatt e Marco Martins.

Sofia Dias e Vítor Roriz colaboram desde 2006 na pesquisa e conceção de vários trabalhos de dança e orientam de forma regular *workshops* e aulas de pesquisa de movimento. São artistas associados da Materiais Diversos e d'O Espaço do Tempo.



Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de ações, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto de medidas adicionais, estando prevista

uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas ações não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos Voluntary Carbon Standard (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em:
[www.cgd.pt/Institucional/
Caixa-Carbono-Zero](http://www.cgd.pt/Institucional/ Caixa-Carbono-Zero)



Próximo espetáculo

De Flamencas

© JC Nievas



Dança / Música Qui 6, sex 7 dezembro
Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h15 · M12

Produção, direção, coreografia Marco Flores
Colaboração especial Olga Pericet na coreografia de *Fandangos e Nana Baile* Marco Flores
Cante Mercedes Cortés, Inma Rivero
Guitarra Antonia Jiménez, Bettina Flater
Baile Guadalupe Torres, Vanesa Vento, Lidón Patiño
Palmas Ana Romero
Direção musical Marco Flores, Antonia Jiménez
Música original Antonia Jiménez
Luzes David Pérez
Figurinos Olga Pericet
Som Kike Cabañas
Direção de cena e maquinista Kike Rodriguez
Sapatos Gallardo
Jóias em prata Tuca Román
Digressão Arte y Movimiento Producciones, Daniela Lazary

O percurso de Marco Flores é semelhante ao de outros grandes nomes do flamenco atual. Nascido na Andaluzia (em Arcos de La Frontera, Cádiz, em 1981), autodidata de formação, integrou companhias famosas até liderar o seu grupo e assinar os seus espetáculos. Múltiplas vezes premiado, presença frequente nos mais importantes festivais de flamenco no seu país e fora dele, tem-se apresentado em numerosos

palcos espanhóis e pelo mundo, construindo uma sólida carreira louvada pela crítica e recebida com entusiasmo pelo público.

De Flamencas é um espetáculo que se declina no feminino. Único homem rodeado por oito mulheres – duas no cante, duas na guitarra, três no baile, uma nas palmas –, todas grandes artistas, Marco Flores propõe-nos um percurso através de vários *palos* (ritmos do flamenco), muitos deles também com nomes femininos (Mariana, Liviana, Serrana, Malagueña, etc.). Num palco despido, em que predomina o negro, a nossa atenção concentra-se nas estupendas coreografias, *cantes* e guitarradas que se sucedem sem quebras e culminam em entusiasmantes números coletivos, como é tradicional.

De Flamencas estreou em 2010 no Concurso de Córdoba, onde em 2007 Marco arrebatara quatro prémios.

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Luísa Fonseca

estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Rui Osório de Castro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Álvaro Coelho

Maquinaria de Cena

Nuno Alves chefe

Artur Brandão

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo



GUIMARÃES 2012
CANTAL EUROPEAN CULTURAL

TNSJ
TEATRO
NACIONAL
DE GUIMARÃES
PORTO